



O caminho natural das águas e o nosso caminho natural

Jornal da Universidade / 3 de junho de 2024 / Artigo

Artigo | André Thomas, Bruno Winkler, Carolina Prauchner, Mateus Raguse-Quadros e Milton Mendonça Jr., da Ecologia, propõem que as ações de reconstrução se amparem em soluções baseadas na natureza

*Foto: Marcelo Pires/JU

Enquanto os helicópteros sobrevoavam nossas casas, nos perguntávamos quando e como isso terminaria, e nos perguntávamos sobre como contribuir para vencer os desafios que certamente nos aguardam. Para além de reconstruir o RS, precisamos reconstruir um RS melhor. Isso passa por admitirmos que mudanças climáticas globais criam novos e inconstantes padrões, e que precisamos de adaptação e mitigação para as enfrentarmos.

Precisamos de soluções novas, e dentre elas temos as soluções baseadas na Natureza – usar o que a biota (fauna e flora) nos oferece, e nosso entendimento de como os ecossistemas funcionam. Entender o ciclo da água, os câmbios que ele vai sofrer com as mudanças climáticas e como interferimos nele é um passo. E assim poderíamos restaurar a vegetação onde ela é importante, como na beira dos rios, mudar nossos conceitos urbanísticos para acolher e absorver a água nas cidades e adotar melhores práticas no campo, evitando a perda de solo.

São inúmeras as soluções possíveis, mas nem todas são adequadas ou resolvem as causas dos problemas. Abrir um canal para escoamento da Laguna dos Patos é um caso: os problemas originais continuam sem solução, e criam-se outros problemas. Precisamos de outra categoria de soluções, que sejam duradouras e ataquem algumas das causas, como aquelas baseadas na Natureza (do inglês "Nature-based solutions"), e este é aqui nosso principal argumento.

Aprender com o que a Natureza oferece parece sábio, uma vez que algumas dessas estratégias têm sido testadas por milhões de anos. Quase sempre essas soluções não são pontuais no tempo/espaco nem ocorrem pela ação de um grupo de pessoas apenas, mas dependem de coordenação – e isso pode ser uma vantagem, engajando e permitindo um senso de comunidade na reconstrução, gerando emprego, renda, bens e serviços.

Algumas soluções são fáceis de elencar: mais vegetação natural (florestas e campos nativos, mais complexos em estrutura e diversidade do que qualquer uso alternativo do solo) cobrindo áreas de encosta para reduzir deslizamentos; mais vegetação nativa nas beiras e entornos dos rios: matas ciliares, áreas pantanosas, banhados, para absorver água e reduzir sua velocidade.

Seria preciso restaurar ativamente essas vegetações em inúmeros pontos da Serra e Vale do Taquari, por exemplo. Rios retornados a seus cursos e profundidades originais permitiriam mais vazão, sem assoreamento. A maioria dos governantes tem negligenciado a manutenção do calado dos rios, e com menor profundidade pela erosão as águas invadem as margens.

Nas áreas rurais, técnicas de conservação agrícola, como o plantio direto (o princípio do "nenhum solo descoberto"), e consorciamento de culturas com plantios de árvores também poderiam contribuir para aumentar a resiliência desses agroecossistemas e reduzir a erosão que leva a terra aos rios e gera assoreamento. Precisamos mais consciência dos produtores e ação do poder público, informando e levando a melhor adequação das culturas agrícolas aos ambientes que ocupam, com respeito à legislação, como a das Reservas Legais.

Nas áreas urbanas, é preciso mudar a visão sobre a orla dos corpos d'água, seja para habitação ou lazer: tem de haver respeito a áreas de várzea dos rios – elas pertencem aos rios, só as ocupamos quando eles não "precisam" delas. Há outras questões, como no exemplo de Porto Alegre: o arroio Dilúvio deixa a água fluir rápido demais e chegar logo ao Guaíba por ser retilíneo, artificial.

A redução de concreto e asfalto nas cidades (desconcretização) e implementação de mais áreas verdes desaceleraria e reteria as águas. Áreas/volumes de absorção de água seriam úteis, como telhados e prédios verdes. Essas ações iriam na direção das chamadas "cidades-esponja", um arraçoado de estratégias de urbanização alternativa, muitas delas estratégias baseadas na Natureza. Tudo isto pode parecer uma revolução, mas é disso mesmo que precisamos agora.

Como fazer isso funcionar? Essas soluções estarão ao longo de quilômetros de rios e hectares de cidades e áreas rurais em múltiplos municípios. Elas deverão usar o esforço, os recursos e a compreensão de populações locais, o que implica investimento financeiro, mas também uma educação ambiental socialmente transformadora, para que se entenda não só o que deve ser feito, mas também por quê, e como todos ganhamos se todos colaborarmos.

Essas soluções têm de ser implementadas e fiscalizadas por todos, mas principalmente pelo Estado, que tem o dever de se esforçar para diminuir o sofrimento de todos não só agora mas no futuro. A legislação deve ser mais dura com quem favorece e nega os problemas que enfrentamos, mas isso não é o que temos visto nas gestões políticas no RS e no Brasil no passado recente.

A crise climática acelera os processos naturais. O acúmulo de calor torna o clima mais intenso e dinâmico: secas pioram e ocorrem chuvas em excesso em alguns pontos – como no RS. Argumentar que em 1941 ocorreu uma inundação parecida – portanto esta de hoje também deve ser "natural" – desconsidera episódios recentes de inundações, como em setembro e novembro do ano passado, e outras em diversos locais do mundo.

Mudanças climáticas são um fenômeno global, e a mitigação das nossas ações sobre o clima demanda um esforço em escala internacional. Porém, os impactos disso, que vivemos dolorosamente nesses últimos dias no RS, são consequências diretas das decisões (e omissões) de governos, empresas e indivíduos.

Hoje nós colhemos os frutos das ações da nossa espécie sobre o clima nos últimos séculos e da nossa forma de usar o território brasileiro e gaúcho nas últimas décadas. Quais frutos nossas ações farão colher no futuro? Seremos capazes de finalmente respeitar o caminho natural das águas e parar de degradar nosso próprio ambiente a tempo de salvar nossas cidades? A água vai seguir seu caminho, baixar, e não vai expor apenas a perda e destruição causadas, mas também causas e culpados para o que vivenciamos e, infelizmente, ainda vamos vivenciar. O caminho que nós devemos seguir é o de exigir mudanças.

André Nogueira Thomas é aluno de bacharelado do Curso de Ciências Biológicas da UFRGS.
Bruno Maidana Winkler é aluno de bacharelado do Curso de Ciências Biológicas da UFRGS.
Carolina Prauchner é aluna de doutorado do PPG em Ecologia da UFRGS.
Mateus Raguse-Quadros é aluno de doutorado do PPG em Ecologia da UFRGS.
Milton de Souza Mendonça Jr. é professor titular do Departamento de Ecologia, Instituto de Biociências, UFRGS.

"As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo."

Posts relacionados

Grid of related posts: Atendida pelas enchentes, Escola de Administração da UFRGS levanta reflexões sobre o prédio e seus e...; Podcast "Comunicação Universitária em Rede"; Cheias: precisamos recuperar a vegetação em metade das margens de rios; Carta aos leitores | 05.06.24

Instagram profile for @jornaluniversidadeufrgs with a grid of 9 post thumbnails and a 'View on Instagram' button.

Realização section featuring the UFRGS logo and the UFRGS SECOM logo.

Contact information for the journal, including address (Av. Paulo Gama, 110), phone number ((51) 3308.3368), and email (jornal@ufrgs.br).